

NUM CATORZE DE FEVEREIRO

Mesa do canto,
A minha habitual,
Café tomado,
Lido o Jornal,
Só, numa hora matinal,
Aguardando companhia,
Para, com eles, pôr a conversa em dia,
Tal como era normal.

Entretanto,
Fui observando,
Numa outra mesa,
Um pouco mais ao lado,
Jovens “riam a bandeiras despregadas”,
Cada uma delas com telemóvel na mão,
Disso faziam questão,
Estariam lendo mensagens,
Que lhes provocariam tão boa disposição,
Dando origem a tão sonoras gargalhadas.

Tanto se divertiam, que previ delas o teor,
Difícil não seria de acertar,
Dado que o dia a festejar,
Era o dedicado ao amor.
O São Valentim, dos namorados amigo, assim se dizia;

“De os ver felizes assim queria e gostaria”

E estas, ainda que com os namorados ausentes,

Sobre eles, diziam que mais tarde os teriam presentes.

E eis que de repente, uma delas, chamou a atenção,

Para a mensagem recebida em que sobressaía um coração.

A jovem ruborizada,

Pelo teor da mensagem chegada,

Não se coibiu de a ler,

Dizendo, não conhecer,

Quem acabava de a escrever;

E a mensagem transmitida

Foi por mim também ouvida,

E com a autorização pedida

Pela jovem acedida

Vou-a reescrever:

“Querida Maria;

Por ser hoje o Nosso Dia,

Quero ver-te, conhecer-te

Beijar-te, Amar-te,

E dizer-te: O QUANTO GOSTO DE TI.

A jovem intrigada

Pelo teor da mensagem enviada

De autor que não se identificava

Reafirmou não conhecer

Quem lhe haveria de escrever

E de imediato a reação em que afirmava:

“Oh que te dizes amigo,

Não te conheço já te digo,

Pró efeito chegas tarde,

Tenho um outro que me aguarda,

Que desde há muito me quer,

E é dele que serei mulher.

E a jovem leu o que escreveu,

E o assunto por encerrado deu.

Mas o inesperado aconteceu,

Um jovem no café entrou

Para as mesas olhou

E na das jovens sentou.

Na mão, uma rosa linda,

Á jovem enamorada ofertou

Um beijo de apaixonado lhe deu,

As restantes jovens sorriram,

E o jovem para a namorada acrescentou:

Aquele que nas mensagens contigo brincou,

SOU EU.

Eugénio Pando

